**Cuidados paliativos na oncologia pediátrica no Brasil: revisão sistemática**

Caroline de Lima Leandro¹\*; Luma Gabriella Santos Toledo¹; Geovana Passos Brito¹; Isabella Candida Vargas¹; Luciana Dorneles Siqueira¹; Geraldo Eustáquio da Costa Junior²

1Centro Universitário de Mineiros. Unidade Básica de Biociências, Curso de Medicina – Mineiros – GO

2Centro Universitário de Mineiros. Unidade Básica de Biociências, Docente de Medicina – Mineiros – GO

\*Autor correspondente: caroline.leandro@outlook.com

**Introdução:**O câncer pediátrico corresponde de 2 a 3% dos tipos de câncer registrados, sendo a doença crônica com maior taxa de mortalidade entre 0 a 19 anos. O tratamento é traumático, envolvendo sofrimento não só para o paciente, mas também aos familiares, tornando fundamental, a partir do momento do diagnóstico convergir para os cuidados paliativos. Isso pode ser feito através do olhar integral, alívio do sofrimento físico, psicológico e social da criança, a fim de fornecer uma melhor qualidade de vida. Além disso, é evidente que a morte é um assunto que os pais e a criança têm dificuldade de enfrentar e conversar, sendo necessárias estratégias de cuidado individuais centradas na criança e no adolescente, estabelecendo comunicação com a família, buscando uma visão ampliada dos sujeitos. Adicionalmente, na oncologia pediátrica, o respeito à individualidade e a valorização do ser em sua totalidade são aspectos primordiais que guiam os profissionais. **Objetivos:**Descrever acerca dos cuidados paliativos, no Brasil, em pacientes oncopediátricos. **Métodos:**Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, com 21 artigos científicos. As bases de dados pesquisadas foram: PubMed e Scielo, utilizando-se os descritores: “*paliative care* AND *pediatric oncology* AND *Brazi*l”. Foram incluídos artigos publicados nos últimos 10 anos e excluídos aqueles que não se referiam ao objetivo. **Resultados:**No Brasil, o câncer ocupa a segunda posição de óbitos em crianças e adolescentes, perdendo somente para mortes decorrentes de causas externas. Em geral, os tumores pediátricos apresentam um menor período de latência, são mais invasivos, mas possuem uma boa resposta ao tratamento e são de bom prognóstico. Porém, há casos em que o câncer não possui possibilidade de cura, nesses é importante a atuação de uma equipe multiprofissional de cuidados paliativos. Esse cuidado, na pediatria, tem como característica uma assistência ativa e holística tanto ao paciente quanto a sua família. Além disso, tem como finalidade o alívio de sintomas que provoquem desconforto e prejudique o bem-estar do paciente, sendo o principal deles a dor. Essa é abordada não só em seu aspecto físico, mas também como um reflexo da situação do paciente, assim inclui-se aspectos mentais e espirituais. Por fim, o cuidado paliativo permite ao paciente oncopediátrico um gerenciamento de fim da vida respeitoso em que se considera crenças, valores, relações e prioridades do paciente e de sua família e a partir disso há a formulação de um plano terapêutico individual.**Conclusão:**O cuidado paliativo busca oferecer uma melhor qualidade de vida ao paciente portador de uma doença sem possibilidade de cura e a seus familiares, através do tratamento da dor e outros sintomas quando vistos de forma integral. A equipe multidisciplinar é fundamental nesse tipo de cuidado a vida, uma vez que busca promover o conforto e o apoio ao paciente e seus entes queridos, possibilitando um fim de vida humanizado.

**Palavras-chave:** Cuidados paliativos; Oncologia; Pediatria.

**REFERÊNCIAS**

1. Sousa ADRSE, Silva LF da, Paiva ED. Nursing interventions in palliative care in Pediatric Oncology: an integrative review. Rev Bras Enferm. 2019;72(2):531–40.

2. Kurashima AY, Latorre M do RD de O, Camargo B de. A palliative prognostic score for terminally ill children and adolescents with cancer. Pediatr Blood Cancer [Internet]. 2010 Dec 1;55(6):1167–71.

3. Monteiro ACM, Rodrigues BMRD, Pacheco ST de A, Pimenta LS. A atuação do enfermeiro junto à criança com câncer: Cuidados paliativos. Rev Enferm. 2014;22(6):828–33.